

SUBSCREVE-SE:

Na Typographia do PATRIOTA, rua do Poço dos Negros n.º 54. Marques, na rua Augusta n.º 2 e 3.

POR:

Tres mezes.....720 rs.
Um mez.....240 „
Avulso.....30 „

SEGUNDA FEIRA 23 DE AGOSTO.

Este Supplemento publica-se todas as segundas e quintas feiras.

PARTE OFFICIAL INGLEZA.

CAMARA DOS COMMUNS 5 DE JULHO.

Mr. Osborne — Uma das causas do actual estado de cousas em Portugal, é a influencia que tem na cõrte um tal Padre M...., que fõra constringido a resignar um Bispado por causa do seu excessivo amor á garrafa. (Espanto geral.)

O GATO DE ALGODRES.

EI-LO ESCRIPTO E ESCARRADO.

PARNY.

1.ª PARTE.

O cidadão de Fornos de Algodres formou-se em leis na Universidade de Coimbra em 1823.

A primeira vez que em sua vida se regosijou foi pela queda da constituição de 1820. Grande lacerote de fita encarnada lhe adornava a batina. Era o distinctivo dos perseguidores daquella epocha.

Foi em Nellas, onde começou a advogar, e como tivesse pouco que fazer, divertio-se em assistir ao enterro que alli se fez da constituição de 1820.

Em 1826, sendo a Beira invadida pelo Silveira, apresentou-se em Coimbra como constitucional, não para defender a liberdade pegando em armas, mas para servir como amanuense na secretaria do general Azeredo, onde as ballas não chegavam.

O bom do Azeredo vendo que o rapaz não tinha nascido para as armas, e sim para as letras, deo-lhe um logar interino de magistratura em Linhares ou cousa que o valha: passadas tres semanas proveo o governo o logar, e o nosso chibozito, veio lèr no desembargo do paço (Deos sabe como elle soletrou) e para não perder tempo solicitou o ser despachado. Levando com um não pelos focinhos, entroxou o fato, metteo o rabito entre as pernas, e voltou-se para o foro; e ei-lo de novo a advogar em Nellas.

Em 1828, declarada a reacção no Porto, apresentou-se ao governador militar de Vizeu, pedindo um logar na magistratura, não se offerendo a pegar em armas, porque o cheiro da polvora o incommodava. Apesar de o mandarem apanhar grilos, atirou a Junta do Porto com elle para o logar de juiz de fõra de Penella, que pouco tempo exerceo por ter que emigrar.

Padecendo muito de callos, assentou que não devia fazer a jornada a pé e teve arte de apanhar um rocante a um escrívão de Penella, e como a azemola se pegasse a cada passo foi trazendo as esporas de prata do escriba.

Dando a sua brilhante entrada no reino dos Fernandos e Isabels, como o tal cavaliquoque, se não podia sustentar de ar foi-se desfazendo d'elle, e não tendo por-

tador facil por quem mandar as esporas ao bom do escrívão foi ficando com ellas.

Por mares nunca d'antes navegados, não foi á Trapobana porém chegou a Plymouth; ahi vio a verdadeira luz e aprendeo a dar estallos.

O general Azeredo que commandava o deposito dos emigrados em Bruges, viu-se grego com o nosso heroe, que só sabia aconselhar a arbitrariedade. Tornou-se notavel pela pertinacia com que pertendeu o desterro do hoje seu digno compadre João Antonio Rodrigues de Miranda.

Hospedou-se em Bruges em casa de uma viuva, por signal boa mulher, sedusio-lhe duas filhas que depois abandonou infamemente, e com promessa de casamento comeo a esta familia o ultimo vintem, deixando-a a ver navios.

Em 1831, deo consigo na Ilha Terceira e á força de mexericos pôde encaixar-se na Junta Suprema de Justiça. Dissolvida então pela sahida da expedição para S. Miguel, tendo D. Pedro ordenado que pessoa alguma fizesse parte della, sem pertencer a algum dos corpos, alistou-se (sabe Deos com que vontade) no corpo academico. Pelas armas nunca foi varão assignalado, e para se não crestar jámais assistio a uma revista. O auditor geral do exercito José da Silva Carvalho para o tirar de apuros agregou-o a si na qualidade de secretario.

No Porto conseguiu ser nomeado juiz dos orfãos, e para os não deixar em orfandade nunca se aproximou do fogo.

Em 1833, sendo ministro da justiça Joaquim Antonio de Magalhães, foi nomeado juiz para a relação dos Açores, combinando assim a vantagem de se afastar das ballas (das quaes fugia como o diabo da cruz) com a de ir desde logo recebendo 1:600\$000 réis annuaes.

Em quanto lhe cheirou que lhe era necessaria a protecção de Silva Carvalho — meu Santo Antoninho onde te porei — mas logo que vio que por esse caminho — não ia o gato ás filhoxes, mudou de rumo, para que a opposição o levasse até S. Bento.

Em 1835 foi eleito deputado pela opposição em preenchimento de vagaturas, e para mostrar a sua gratidão a José da Silva Carvalho, agatanhou-o qual gato assanhado.

Reeleito ás cortes, que deviam reunir-se quando rompeu a revolução de Setembro, tornou-se o mais exaltado partidista d'ella, e como queria meter o nariz em tudo, foi membro da commissão, que se creára em Campo de Ourique por occasião da belemzada.

Transferido da relação de S. Miguel para a de Lisboa, tratou de arranjar os irmãos, o pai, parentes, e adherentes, e fiel ao seu systema de ingratição, declarou-se em manifesta hostilidade contra Passos, e Vieira de Castro que tanto o tinham elevado. Tendo votado contra elles na sua illigibilidade, os patriotas dos camillos collocaram em letras de ouro na Sala de suas sessões o nome de tão distincto heroe.

Membro de um club pedio n'um accesso de ralva a cabeça da Rainha; e para garantia de sinceridade de seus actos, offereceu por penhores unicos que dizia possuir sua mulher e seus dous filhos!!

Em 1837, na Sessão de 8 de Fevereiro, propõe que ao artigo 3.º do projecto de resposta ao discurso da

corôa se substitua o seguinte: — “ A promessa feita pelo Augusto avô de S. Magestade na proclamação de 11 de Maio de 1823, não foi cumprida e por isso a constituição de 1822 ainda que abolida como lei fundamental do estado nunca deixou de existir muito viva na lembrança e coração dos bons Portuguezes. — Morria de amôres pela tal constituição. Nesse mesmo anno por occasião da revolta dos marechaes acompanhou o barão de Bomfim, mais como espião do que na qualidade de secretario civil do mesmo barão. Rompendo o fogo no Campo da Feira, para não leyar com alguma ameixa fugio para Porto de Mós, e só appareceu em Leiria senão coberto de louros pelo menos de poeira.

Em Aljubarrota recusou a proposta dos delegados dos marechaes para o restabelecimento da carta constitucional *que era necessario enterrar para sempre* e veio a Lisboa com a participação deste seu grande feito.

Voltando a unir-se ao barão de Bomfim praticou pelo caminho as maiores violencias e *estropolias*, suspendeo authoridades, demittio outras, officinando de continuo ao governo para confirmar estes seus actos, e não conservar nos logares um só cartista. — Fazia-lhe guerra que nem a lobo.

No seu transitô de Leiria até Lamego levantou para mais de seis contos de réis; parece que até hoje não deo contas deste dinheiro, nem darâ.

Regressando a Lisboa, depois de terminada a guerra civil, tendo o ministerio pedido a demissão habilitou-se para se escarranchar n'uma pasta. Tinha-se para isso combinado com o barão de Bomfim, e pelo pacto celebrado entre ambos, não devia entrar um sem o outro, e como supposesse ter então Joaquim Antonio de Magalhães grande influencia no paço, deo-lhe parte da sua pertença e pediu-lhe o apoio, pois tinha meios de dominar o França e Soares Caldeira.

Na sessão de 20 de Outubro propoz *que se volassem agradecimentos aos bravos que debetaram a facção cartista que accendeo a guerra civil no paiz e pertendeo aniquillar as instituições proclamadas pela nação.* E na de 6 de Fevereiro de 1844 este mesmo heroe pede poderes descripçionarios para decretar o exílio e exterminio desses proprios bravos que elogiara para que fossem espirar nos sertões de Africa!!! E viva o nosso amigo.

Na mesma sessão de 1837, requereo em 30 de Outubro — *Que fossem immediatamente demittidos todos os cartistas que se acham empregados, e que eu proprio indigitei ao governo, entretanto que na qualidade de commissario civil permaneci junto ao general barão de Bomfim.*

Reorganizado o ministerio deram-lhe com a porta na cara, voltou desde logo o dente ao Bomfim, aproveitando-se para o atagalhar de algumas censuras que se faziam ás suas operações militares.

Empregou todos os meios para derribar o ministerio, e faltando-lhe os legaes lançou mão da força e por suas trapaças appareceram os tumultos de Março. Como quem não tem vergonha todo o mundo é seu, não se pejou d'aceitar durante esses tumultos o logar d'administrador geral de Lisboa d'um ministerio que elle queria mandar de presente ao diabo! As chaves do governo civil abriram-lhe as portas do paço, que lhe estavam trancadas. Preparou sem causa os acontecimentos de 13 de Março, em que elle sedusio uns pobres homens a sublevarem-se e querendo-lhe dar um testemunho de quanto os estimava, mandou-os fusilar.

Perseguiu como administrador geral aquelles com que até allí vivia. Se a perseguição não foi maior, deve-se aos ministros que se não prestaram aos seus desejos. Desde então começaram no paço a fazer-lhe festinhas.

Foi escolhido para succeder na pasta da justiça ao ministerio Saborosa, de que fez parte Julio Gomes,

cuja politica em côrtes mesmo declarou havia seguir sempre.

Foi elle o principal instigador da inconveniente politica seguida pelo ministerio de 26 de Novembro. Parecendo-lhe pequena pasta da justiça, só se contentava com a do reino, e quando vio que a não apañava, pediu a demissão por lhe parecer ser homem indispensavel: retirou porém o pedido logo que soube que o punham no olho da rua, ficando-lhe todavia gravada n'alma a ambição de ser ministro do reino.

Para o conseguir, mesmo para não descer do poleiro e porque a opinião badalava a favor dos setembristas, que venceriam as eleições, foi ao Porto fazer o seu 27 de Janeiro. Do dinheiro gasto para essa revolução nunca se soube. Por occasião da revolta de Torres Novas entulhou as prisões de gente e mandou degradados para o Ilhéu da Madeira sem sentença ou processo. Em 1845 fez fusillar junto á urna em Verride, Porto de Mós, Guarda e outras terras os eleitores da opposição. Por estas gentilezas foi creado conde. Em 1846, sublevado o paiz contra as suas iniquidades e delapidações, fugio como um miseravel. De Madrid aconselhou a emboscada de 6 de Outubro, e logo depois o nomearam ministro junto áquella côrte. Logo que vio que o partido liberal triumphava, inflamado pelo amor da nacionalidade, pediu forças estrangeiras para invadir Portugal. Sendo excluido de entrar no ministerio pelo art. 4.º do protocolo berra contra a intervenção.

Fim da 1.ª Parte.

N. B. Acreditamos pouco no que se avança no artigo acima. A. B. C. foi sempre um homem honrado. — A 2.ª parte que vamos publicar só trata de roubos; a ser verdade o que nella se contém, é ladrão como rato.

A ordem reina em Portugal.

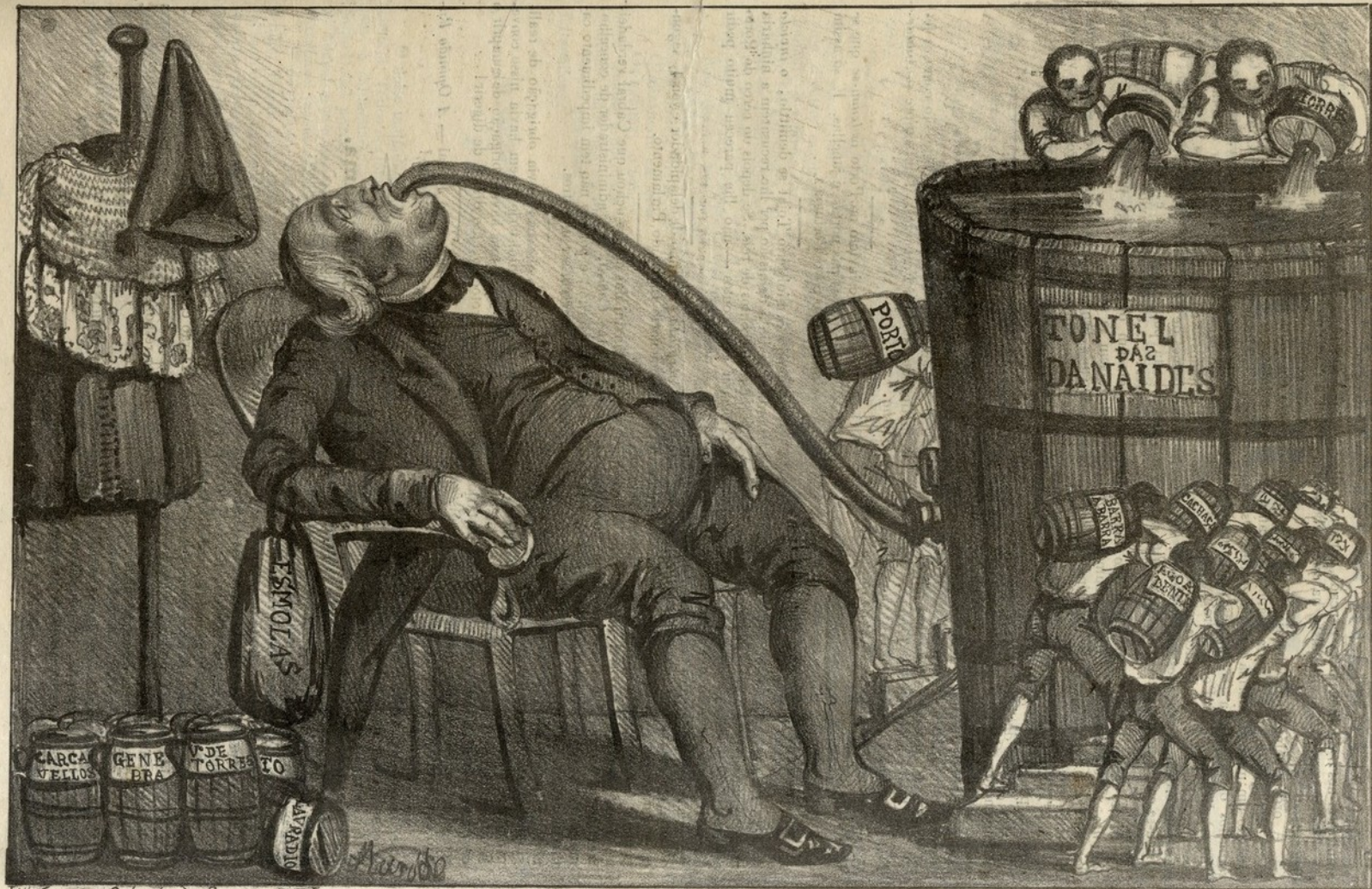
(DIÁRIO DO GOVERNO.)

O *Diario* põe sempre em duvida que por ali se quebrem cabeças, talvez por lhe não terem quebrado a delle. Pois para que hade a *patulca* usar de cabeças, para que hade sahir com ellas á rua em ar de quem provoca uma paulada? Sejam como os cabralistas que *não tem cabeças*; fugio lhes toda a intelligencia para a palma da mão.

Nas provincias tem a ordem feito maravilhas! O Algarve, sobretudo, ha soffrido muita lambada, tem visto muita gente morta, muita vidraça quebrada por não ter a competente luminaria. Os algaravios nesta parte comportam-se bem, e sem o querer são progressistas: gostam da luz, bastante luz; o paiz ás escuras estará sepultado n'uma verdadeira ignorancia. O assassinio do padre Bitorres, o *charivari* á porta do sr. José Coelho de Carvalho, a emigração para Hespanha etc. etc. são effeitos da ordem, os Algarvios estão na ordem; no Algarve reina a ordem.

Na Guarda, em Beja, Braga, Porto, Aveiro e Setubal — apparece a ordem em todo o esplendor. Ha casos de cutiladas, pauladas, espancamentos, assassinios etc.; porém que tem isso com a ordem, aonde está ahi a desordem? Repetimos: o paiz está na ordem, nas provincias reina a ordem!

A ordem é grande cousa! Em 1845 somos revuzillados junto á urna para entrar na ordem; na revolta de Torres Novas mandaram-nos para a *cadêa*, e para o *Ilhéu da Madeira para conservar a ordem*; em 27 de Janeiro, um ministro da corôa rebella-se contra a constituição, para restabelecer a ordem; em 1846 degradam-nos, impingem-nos a lei marcial, prendem-nos — para manter a ordem; em 1847



Lith. Francisco Calçada do Combro N.º 115

IN VINO VERITAS

amnistiam-nos, dão-nos muita pancada para não alterar a ordem. E á vista disto ha quem aborreça a ordem?

A ordem reinou em Varsovia. Em 1830 um ministro levantou-se na camara franceza e affirmou-o. Quando um ministro affirma está na ordem. Os *revolucionarios* dessa epocha (sempre os houve em todos os tempos) diziam que os Polacos eram estripados a cada passo. . . . historia! Os Polacos morriam, é verdade, mas pela ordem, abraçados com a ordem. O ministro portou-se como um cavalheiro: a ordem reinava em Varsovia.

Muito tempo antes Tacito tinha dito: *solitudinem faciunt, pacem appellant*. Elles chamam paz á solidão dos tumulos! Parece que então já reinava a ordem em Roma.

Na Turquia não fallamos! Existe ordem a dar com um páo!

Não ha que duvidar; o paiz está na ordem, progride como um caranguejo, tem confiança nos homens que o dirigem, e com mais uns centos de bastonadas fica na ordem! Julgamos desnecessario pedir que não descendam os filhos d'Ulysses na sua obra meritoria, e as benções da posteridade não lhes faltarão ás grósas.

Ao brado universal do *Tempo*, *Estandarte*, e *Diario* juntâmos o nosso, e acabâmos como principiâmos — intimamente convencidos *de que a ordem reina em Portugal!*

FALLAR VERDADE SEM QUERER.

No *Estandarte* de Terça feira 17 d'Agosto deparâmos com uma representação das margens do Mondego, assignada pelos *ricos proprietarios* de lá, que tem por fim pedir a conservação das authoridades administrativas. A isto não juntaremos commento; a velha alumiaava o diabo que estava aos pés de S. Miguel por ser bom o ter amigos em toda a parte; ora nós não tenciâmos ir nunca a Coimbra, se lá estivessemos vinhamos para cá, no entanto sempre é rasoavel não fallar de pessoas que tem inteira firmeza, acrisolada lealdade, moderação e muita outra cousa. E quem se atreverá a derrubar authoridades tão inchadas de excellentes dotes! Os maganões dos amnistiados, e isto *pelas vias conhecidas*, segundo nos diz a representação, que não foi assignada por toda a Cidade em consequencia da falta de tempo. Espera-se no proximo correio o resto das assignaturas com uma carga de louça preta, que os signatarios offerecem ao Sr. Bayard *por sympathia!* E o mais galante não está aqui: tende paciência de lêr:

. "o governo acaba de pôr em grave risco a «segurança da Cidade, obrigando o Sr. Visconde de Vallongo a encarregar-se d'uma missão, que em tal época «se casa mal com as suas virtudes."

Este epigramma pungente atirado ás bochechas da situação, torna-se demasiado forte! O Sr. Visconde de Vallongo é homem virtuoso — a época actual cheia de vícios — logo mal se casa semelhante homem com semelhante época. Vio-se nada mais injurioso para um Governo que se desvellou constante pelo bem estar do paiz! Insultar a situação, arrasta-la pelas ruas d'amargura, enchê-la d'opprobrio. . . . Sr. Novaes, Sr. José do Espirito Santo, Sr. Manoel Queimado, Sr. João Antunes, e mais signatarios, que é isto! Somos mais justos do que vós, cidadãos de Coimbra, ricos homens da Calçada e seus arrabaldes. A situação é boa, a situação não está tão feia e cheia de carantonhas como nol'a pintaes!

Admirâmos o estilo em que vem redigida a representação a Sua Magestade; ha por alli muita perola espalhada. Escolhâmos um punhado ao acaso.

"A guerra civil *desatou* os vinculos sociaes e anulou a constituição, o codigo das liberdades patrias, *sellado* com o sangue dos seus fieis defensores." Que a guerra era cousa horrorosa, toda a gente o diz, porém que desatasse os nós sociaes, que o sangue fosse sinete — isso é inteiramente novo, veio de Coimbra. Que a Nação está *em estado indefendido* — vá, mas que os habitantes do Mondego se zanguem por os corações estarem callados — é despotismo. Queriam talvez que todos padecessemos de aneurismas! Por ultimo sabemos que a justiça está por alli frouxa e que existem *momentos anormales*. . . . e esses sem duvida são quando os signatarios atacam o Sr. Vallongo por virtuoso, e fallam verdade sem se sentir.

Crêmos firmemente que a súplica será defferida. Pede-se um Governador Civil desprovido de virtude. Hade-se-lhe fazer a vontade!

Cutiladas.

As revoluções do partido da côrte são como os folhetins dos jornaes Francezes. Tem sempre *continuar-se-ha*.

Na entrada do invicto no Porto *ordenou-se* que se pozessem luminarias nas portas e janellas. E' só assim *que se illumina* o povo Portuguez.

Quando o ministerio Tojal se demittio, o *invicto* tambem pedio a demissão por lhe recusarem a ninharia de quarenta contos de réis. Se depois do cêrco do Porto chuchou cem contos — não lhe pareceu muito pedir agora só quarenta!

Cabralista synonymo de delapidador e venal, segundo o dictionario Inglez do Parlamento.

O Franzini das cordas achou que Cabral verdadeiro é só o *papá Cabral*, hoje administrador de concelho: os mais são cabritos, e por isso não tem impedimento canonico para poderem ser ministros.

O *Tempo* diz que não havia obrigação de realisar a mudança de ministerio, nem havia nisso conveniência. Assim será, mas havia obrigação de cumprir o artigo 4.º do protocolo, tão difficil de digerir!

Vai publicar-se um novo Jornal — *A Opinião Publica*. — De quem será esta opinião!

Epigramma.

Ha no Thesouro dois Lobos;
Um delles é Portuguez
Italiano é o outro,
Mas ambos do mesmo jaez.
Ha tambem um certo Leça,
Dos Lobos amigalhão;
O Tojal, com os tres Lobos
Darão cabo da Nação.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.

1847.